

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 4 de Fevereiro de 1857

N. 25

LITTERATURA.

Paginas intimas

XIX

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

XVIII

(Conclusão.)

Satisfeito com este resultado, recolheu-se Viriato á Lusitania. Pouco tempo depois houve nova eleição de Consules. Serviliano conservou-se nas Hespanhas com o titulo de Pretor, e já um tanto socogado pois recuperára parte da força moral que perdera com a sua derrota, entrou na Lusitania no intuito de castigar um natural d'ali por nome Canoba que fazia desde muito immensos estragos á gente Romana. O Pretor, dispondo de maior quantidade de soldados, conseguiu depressa o fim a que se propunha, e Canoba vio-se forçado a accitar a paz com a condição que approuve a Serviliano impor-lhe. Porém os Romanos jámais poderião desmentir o seu character ambicioso, traçoeiro e bárbaro; o Pretor abusou da fraqueza dos Lusitanos, e cousa inaudita! mandou cortar a mão direita de muitos delles! Viriato lá estava para vingal-os. O seu despertar era sempre fatal aos conquistadores, e desta vez elle tinha a pagar-lhes infamia com infamia. O Pretor sitiára Erisina, cidade bem fortificada, e onde o heroe Lusitano tinha a melhor e mais aguerrida parte de seu exercito. Viriato voou em seu socorro, e pôde entrar nella favorecido por um dos seus costumados ardis. Os soldados em presença do seu capitão, derão gritos de um louco entusiasmo, e pedirão para sahirem da praça. Era tempo, pois que os Romanos prevenião-se para atacar. Viriato accommetten-os, e como era de esperar ficou vencedor. Serviliano pensou inorrer de desesperação, não só elle deixava no campo uma grande quantidade dos seus molhores soldados, como teve de reconhecer mais uma vez a grandeza

d'alma do famoso Lusitano, pois que podendo aprisional-o preferio deixal-o procurar a fuga como quasi sempre fazião os Pretores. Esta batalha deu aos Lusitanos alguns mezes de paz, por que Serviliano fôra obrigado a assugural-a pouco depois da sua derrota.

XIX

No anno 3824, ou 138 antes de Jesus Christo fôrão eleitos Consules em Roma Cayo Lelio Calvo, e Quinto Servilio Scipião, irmão de Serviliano. Scipião, a quem pesava o tratado de paz que aquelle assignára com Viriato, propoz ao Senado a quebra d'elle, e nova guerra com a Lusitania. O Senado cedeu ao pedido de Scipião, e foi este enviado ás Hespanhas com um numeroso exercito. O seu maior desejo era lançar entre os Lusitanos o facho da guerra, para deste modo realizar um intento que ha longo tempo engendrava em seu cerebro maldito. Facil lhe foi, pois que as violencias que praticou com aquelles despertarão um clamor unisono de guerra, que estendendo se de uma a outra extremidade abalou as monhas, e fez cessar o movimento pausado e cadente do arado. Viriato porém, cansado dessa luta gigantesca, e durante a qual os louros lhe cingirão a fronte repetidamente, queria a todo o custo conservar a paz, unico meio de se dedicar aos interesses particulares daquelles que o tinham acclamado por chefe. Para esse fim escolheu tres capitães do seu exercito, que forão os *celeberrimos* Dictalio, Minuro e Aulaces, e enviou-os a Scipião como embaixadores, dando-lhes as necessarias intrucções para o bom desempenho do fim a que se propunha. O Consul acolheu-os com as mais vivas demonstrações d'amisade, deu festas em sua honra, e demorando sempre a resposta das proposições offerecidas por Viriato, ia captando as boas graças dos tres *infames*. Prometteu-lhes honras e dignidades, fallou-lhes em amor proprio, exprobrou-lhes a demasiada confiança que depositavão em um homem que a

seus olhos nada mais era que um salteador ; o resultado estava previsto ; aquelles cederão, e retirarão-se ao acampamento de Viriato resolvidos a praticarem o mais nefando dos crimes. Chegados ali forão pouco a pouco dando conta da sua embaixada, disserão-lhe que Scipião aceitava a paz, e esperando favoravel ensejo conseguirão ganhar uma importancia que não merecião. Viriato estava bem longe de advinhar o projecto destes infames; uma noute em que dormia profundamente foi degollado, sem que podesse defender-se ou dar um ai se quer. Os traidores fugirão para o campo dos Romanos, onde ião buscar a paga da sua insigne cobardia. Quanto se enganarão ! Scipião acolheu-os como traidores, cobrio-os de injurias e improperios, e mandou-os para Roma, informando o Senado do crime que haviam praticado. Pretendem alguns authores que Scipião queria apenas que os tres assassinos aprisionassem o grande Lusitano, e que sendo impossivel tratarão de commetter o crime. Como quer que fosse o Senado accusou os tres de traidores e infames — e condemnou-os ao supplicio.

XX

A Lusitania ia de novo ser carregada de ferros. Morto o heroe quem o substituiria ?

E' impossivel relatar a impressão que produziu em toda a parte o assassinato de Viriato ! Os Lusitanos comprehendião a falta deste grande poderoso auxiliar, e d'ali em diante os Romanos poderião fazer delles os que lhes approuvesse. A independencia de tantos valentes, a liberdade de suas mulheres e filhos ia de novo ficar á mercê dos barbaros conquistadores, desses ambiciosos que avassallando o mundo pouco a pouco, tinhão por fim de cahir do alto do pedestal que haviam attingido á custa de muito sangue derramado e de traições sem conta. Depois da morte de Viriato, Tantalos seu capitão, procurou sustentar o nome Lusitano, mas reconhecendo que só aquelle poderia abater o orgulho da soberba Roma, largou as armas, procurando com muitos outros a morte nas fileiras inimigas. A Lusitania era uma Provincia Romana ; cautella porém, o leão dorme para acordar mais tarde soberbo e ameaçador !...

Rio de Janeiro, Março de 1857.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

FIM.

O Dominó Encarnado

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

VI

OS TRES DOMINO'S.

Durante muito tempo correu elle, sem destino, acotovelando os viandantes sem os ver. A final chegou á praça de S. Marcos brilhantemente illuminada por innumerous lampeões, por que já havia anoitecido. Ahi sua cabeça se acalmou, e lembrou-se do que acabava de passar. Um sombrio desespero succedeu á alucinação de seu espirito. A fatal descoberta de Pepita alastra para sempre seus sonhos de porvir. Restava-lhe decidir-se entre seu mister sanguinolento e a morte ; escolheu a morte e atravessou por entre o povo, que se afastava ao reconhecê-lo, com um passo mais lento porém mais firme.

Em breve chegou ao cáes; passou pela praça em que todas as noites seu punhal estava á mercê de quem mais desse, e tomou para a *Ponte dos Suspiros*. Sua resolução estava tomada : ia procurar a morte na agua quieta e sombria do canal Orfano ; no momento, porém, de despeñar-se nas ondas, deteve-se para ver ainda uma vez o céu dessa bella Veneza que amava maldizendo. Era o mesmo céu da Italia, isto é, uma abobada de anil recamada de scintilantes lentejoulas. Ao suave reflexo da lua entrevia-se ao longe os corocheus das Igrejas e as sacadas dos palacios. Sobre os canaes resvalávão rapidas e elegantes gondolas com seu fanal na proa simullando uma estrella : de vez em quando os festivos accordes das serenatas affagavão os ouvidos do bravo de envolta com a fresca brisa da noite. Beppo dardejava sobre este panorama o triste e derradeiro olhar do moribundo, eis que lhe tocão no hombro e uma voz lhe diz :

— Renzo Mamone tem pelo que vejo muito tempo a perder, pois que quem o procura já o não encontra mais em seu posto habitual, e se por acaso se depara é abismado em cogitações amorosas, a ponto de esquecer-se na *Ponte dos Suspiros* ? !

— Que me quer Vossa Senhoria ? perguntou Mamone ao reconhecer Camillo.

— Propor-te com sequins em troca d'uma punhalada.

— Não vendo mais o meu punhal, e o braço que o manjava daqui a dez minutos estará gelado.

— Condemnar-te-hia por ventura o tribunal dos *Dez*.

— Um tribunal mais terrível pronunciou a minha morte, o juiz e o executor sou eu.

— E o que é que te impelle a esse acto de desespero? a miseria não é, porque o ouro nunca te faltou, e de mais recusas o que acabo de offerecer-te, és moço, esbelto, teus amores devem ser felizes....

— Basta, signor Camillo, não intenteis saber o meu segredo: segui vosso caminho, eizei aos Venezianos, que Renzo Mamone deixou de existir, porque sois o derradeiro homem que o vreis vivo.

— Quem sabe!

— Que quereis dizer?

— Ouve esta historia e veremos depois se ainda queres morrer.

— Uma historia... a mim... neste momento!... zombais de certo...

— Escuta! « Havia em Veneza um bravo terrível; este bravo amava uma donzella que ignorando seu nome verdadeiro e condição, parecia também amal-o. Um elegante fidalgo encasqueitou-se-lhe de namorar a desposada do bravo, de modo que a rapariga, nos ultimos paroxismos d'uma branda resistencia lhe disse:

— Não posso ser vossa, um juramento inviolavel me prende a meu desposado.

— Segue-me, disse o fidalgo á ingenua rapariga e conhecerás o que é teu prometido esposo e saberás igualmente se podes ou não violar o juramento que te liga ao bravo precita.

— A principio não queria acreditar mas afinal entrevio a verdade e não se oppoz mais. » Durante esta narração um suor frio banhava o rosto contrahido de Beppo, e quando Camillo se calhou mal pôde perguntar com uma voz afogada pela colera e emoção.

— Como sabeis isto?

— Sei isto, porque ha cinco minutos que o homem que te roubou Pepita, assim como me roubou aquella que eu amo, alardeava perante quem o queria ouvir no Lido, ter seduzido a amante do bravo Mamone. Este homem é nosso inimigo commum, contra elle é que queria armar-te.

— Disponde de mim em corpo e alma. Porém seu nome! dizei-me seu nome!

— O barão Jorge de Chivri, um francez.

— Dentro d'uma hora terá deixado de existir!

— Não, Renzo, um pouco de paciencia, deixa-me hoje guiar-te. O que nós precisamos, é uma vingança, mas uma vingança terrível!

Uma semana depois de manhã celebrou-se o consorcio de Jorge e Helena e á noite tinha de haver grande festa no palacio Fornasari:

Os preparativos ordenados para o baile excedia tudo que de mellior se tinha visto em Veneza.

Os cavalheiros e damas empregarão os oito dias precursores da festa em procurar os mais brilhantes adornos, porque Helena deliberara que o baile de suas nupcias seria um baile mascarado. As gondolas apinhavão no caes do palacio e os lindos pés das formosas Venezianas roçavão incessantemente sobre os degraus de marmore branco. Não se via se não velludo e damascos; o ouro e diamantes scintillavão por toda a parte.

(Continúa.)

Vaga meditação.

UMA NOITE JUNTO AO CAES DA GLORIA.

Duas horas da madrugada acabão de soar com echo sombrio e monotono em algumas das cathedraes da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Por entre as mil estrellinhas que bordão o azulado firmamento, a lua se retrata fulgurante nas aguas do espaçoso Guanabara, que enipolado com força pelas brizas do sul, vem em ondas espumantes rugir e despedaçar-se a meus pés.

Tudo o mais é silencio!....

Apenas uma sombra que de instante a instante vejo prepassar em frente a uma luz frouxa que apparece por entre as janellas de uma dessas casas do morro da Gloria, me dá conhecimento de que algum ente humano vela não longe de mim...

E eu sou aqui sósinho com minhas mágoas... apenas essas brizas que ainda agora acabão de empolar o oceano paixão vaporosas brincando com meus soltos cabellos....

Oh! como se casa na solidão este bramir das vagas ao peito opprimido de angustias e afflicções!.... Quantas saudades me aviva n'alma toda esta melancolica tristeza que me rodeia!... Quantas recordações, por entre as lagrimas de dôr que derramo, me vem á memoria neste momento em que descança em paz o mundo inteiro....

Nesta hora de tristura e repouso vem-me á memoria todo esse passado.... todo o passado de minha infancia tão feliz e risonha, que fugio para jámais voltar.... vem-me á memoria todos esses folgares innocentes com minhas irmãs nas horas de sêsta, todos esses carinhos e afagos de uma familia inteira que muito me amava, esses instantes que entretido passei com meus collegas de estudo, essa pequena capella onde tanta vez fui com minha mãe á oração, essas florinhas que colhi e plantei no meu jardim, a voz do sino de minha aldêa que tanta vez me despertou de meus folgares, as veredas, os prados, todos esses lugares emfim por onde tanto divaguei sósinho...

Recordo tudo saudoso,
Que ditoso,
Que ditoso me sorrio,
Lá nesse tempo risonho,
Qual um sonho,
Qual um sonho que fugio,

E choro.... pois tristemente,
Tão sómente,
Tão sómente eu vivo aqui,
Só me restando a lembrança
Da esperança,
Da esperança com que vivi.

Sim.... hoje só vivo recordando as esperanças que outr'ora me sorrirão e das quaes já nada me resta !.... Oh ! e eu embalde quero reprimir os suspiros que me vem aos labios.... embalde tento enxugar as lagrimas que me assomão ás palpebras, pois ellas se augmentão á triste meditação de que já fui ditoso, de que já tive uma quadra bem feliz em minha vida, e que hoje sou um infeliz proscripto, vagando n'um paiz estranho, aonde não tenho uma mão compassiva que affavel me guie na senda assaz escabrosa da existencia... aonde não encontro um ente compadecido de minhas lagrimas, de eujos labios dimanem algumas palavras de conforto para meu coração atribulado....

Deos !.... Deos seja ao menos por mim !....

JOÃO DANTAS DE SOUZA

Amelia

OU

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

(Conclusão.)

IV

A VINGANÇA.

Amelia, no momento de ouvir por Alfredo proferir o nome de Ernesto de Vasconcellos, cahe por terra desmaiada ; não dando por isso fé da scena que se representou em seguida.

Ernesto depois de ter contemplado o eadaver de seu rival, chega-se para junto della, e faz-lhe respirar um lieor que traz dentro de um vidro ; esta voltando a si como despertada de um sonho pergunta :

— Sois vós, Alfredo ? !....

— Não !... não sou Alfredo, que esse já não existe !.... responde elle suspendendo-a e fazendo-a assentar n'um baneo que lhe fica proximo. E' contigo agora, mulher ingrata, que desejo ajustar contas !.... Lembras te do juramento que me prestastes de um amor eterno ?....

— Perdão, Ernesto! tende piedade de mim!!....

— Não, que para a fementida não deve haver piedade ! tiveste-a aeaso tu de mim calcando aos pés os mais sagrados deveres, fazendo-me assim tragar até as fezes o amargurado ealix da desventura !.... Lembras-te do juramento que me deste de me amares até a morte ?.... Lembras-te que logo depois da morte de meu pai deixei minha mãe para me entregar á lida dos estudos aguardando sempre o compromisso de tua palavra para algum dia me tornar digno de ti ? !.... Não te lembras !.... sim, não te lembras porque tudo esqueceste para te lançares nos braços d'aquelle que em recompensa te estampou na fronte o vil ferrete da deshonna e da vergonha !.... Louca ! não previas que perjurando até aos proprios infernos lá iria arrancar-te para me saciar em teu sangue ? !....

— Perdão, Ernesto, que ainda te amo !

— Miseravel ! que ousas dizer ? !....

— Ernesto, sou culpada mas eu me confesso arrependida.... perdoa-me !....

— Nunca !....

— Por tua mãe a quem mais presas, por Deos que é nossa testemunha, pela Santa Virgem perdoa-me, e depois... ah ! depois mata-me que então morreréi contente !.... Perdoa-me que já me arrependi e Deos também perdoa a todo aquelle que se arrepende na hora extrema; e eu assaz couheço que não devo existir mais sobre a terra ! a mesma morte será um fim para os remosos de ter ultrajado aquelle a quem tanto deveria ser grata !....

— Já que assim o exiges eu te perdoo !... Reconcilia-te com Deos e prepara-te para morrer...

Amelia ajoelha-se e depois de orar pelo espaço de alguns minutos, Ernesto apanha o ferro homicida que ainda á pouco arrojara para o lado, volta para junto della, suspende-a por um braço, levanta a dextra mas vacila tremendo, seu braço lhe descai inanimado... como que reanimado porém por um vago sentimento ergue-a de novo e descarrega o fatal golpe no peito da infeliz, dizendo ao mesmo tempo: « Deos, unico arbitro supremo, julgar-me-ha na eternidade !.... » Ao ver rojar a seus pés o cadaver de Amelia uma lagrima se desliza por suas faces e ajoelhando-se ora por algum tempo depondo enfim um osculo na gelada frente de sua victima... Levanta-se em seguida e tirando do seio uma pistola aponta-a ao ouvido clamando: « Minha missão jaz cumprida !.... » dispara o tiro e cahê por terra espirando banhado em seu proprio sangue.

A detonação do tiro disparado por Ernesto fez-se ouvir na casa proxima ; um criado corre a ver o que é, e divisando morta sua ama entre dous cadaves volta horrorizado a dar parte a seu amo, o qual ao ouvir de seus labios a fatal noticia exalta pouco depois o seu ultimo suspiro !

.

Um dia é passado depois destes acontecimentos.... mais o cadaver de uma mulher apparece junto á lousa de Ernesto!... Esse cadaver é o de D. Emilia que também fôra espirar sobre a campa de seu filho !....

Rio de Janeiro, 1857.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

FIM.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Conclusão.)

AS TRES VICTIMAS.

Unidas as tres victimas derramavão lagrimas de alegria, e até se esquecerão do lugar em que estavam.

— Minha filha !... exclamou Juliano beijando a frente de Christina ; será possivel que ao fim de nove annos ainda eu te chegasse a ver ? !.... O' meu Deos ! tinha-vos pedido mil vezes a morte... mas hoje peço-vos a vida !...

— Queres vida ?... perguntou Nicoláo ; isso já eu sabia. Até aqui pedias-me que te acabasse com a existencia, o que eu nunca fiz, porque pretendo gosar do praser de uma vingança longa e premeditada, e é agora que eu vou começar ; e chegando-se ao lugar onde estava Christina puxou-a com tanta força que por pouco lhe deslucou os braços, depois arrastando-a em distancia de oito passos gritou-lhe : Conheces aquelle homem ?...

— E' meu pai !... balbuciou a infeliz moça, toda tremula, lançando-se aos pés de Nicoláo.

— E aquelle ontro ?...

— E' meu irmão !...

— Sabes o que faz aqui estares presa ?

— Não, senhor !

— Irás saber já... Olha, vê ali um caixão ?

— Sim... respondeu Christina.

— Dentro existe meu pai, que foi assassinado ; e quem o matou ?... foi esse homem que dizes ser teu pai ! ...

— Perdão !.... bradou a desditosa.

— Perdão !.... Quero sangue ; e bastante sangue !....

E como a moça fizesse alguns esforços para desprender-se das mãos desse barbaro, que a segurava agarrando-lhe nos cabellos, o monstro suspende-a, e dando-lhe um grande murro entre as espadas, atirou com ella sobre o ataúde, onde a victima foi cahir debruçada, lançando golfadas de sangue sobre o cadaver myrrhado de Nicoláo Borges !

— Malvado !.... bradou Juliano, revolvendo-se nos duros e pesados grilhões, como se os quizesse partir. Satisfaz tua vingança no meu sangue, se acaso não chegão nove annos de torturas, com que me tens feito morrer mil vezes ! Deixa esses pobres innocentes, que elles não tem culpa do que os pais fazem !... Que mal te fez este man-

cebo, aqui preso á nove annos, o meu desgraçado Jorge, que não é mais do que um idiota, porque já tuas crueldades lhe roubarão o uso da razão ?!... Meu Deos, se o sangue innocente pede justiça, ei-lo ali já derramado !

Nicoláo ordenou que Jorge fosse levado aonde existia sua irmã, e que ahí debruçado como ella estava, ficasse, e que lhe dessem punhaladas, para que o sangue das duas victimas banhassem ao mesmo tempo o cadaver myrrado de Borges.

Juliano vendo que seus filhos ião ser sacrificados tão barbaramente, ainda quiz ver se commovia o monstro ; levantou as mãos em supplica e exclamou :

— Nicoláo ! pela vida de tua mãe ! pelo desencanço da alma de teu pai ! não mates meus filhos !...

— Não mate os teus filhos !... repetio o perverso com um sorriso infernal. — Irão morrer a teus olhos, e depois mandar-te-lhei cegar e atormentar até que um dia vás deste mundo para o inferno.

— Para o inferno irás tu, maldito !...

— Tapem a boca daquelle cão !... Ponhão-lhe uma mordaga !... gritou Nicoláo, e voltando-se para Diogo disse, vamos á execução.

Já os algozes estavam prestes a descarregar os golpes, quando João lembrou que faltava ali uma pessoa.

— E' verdade que nos falta aqui a senhora Lucrecia, que foi ver se desencantava o tal desconhecido....

— Aqui estou, malvado !... bradou um cavalheiro invadindo a prisão e assenhoreando-se de Nicoláo, em quanto seus companheiros, que entrarão ao mesmo tempo, tratavão de prender os outros criminosos.

Era o cavalheiro desconhecido que tinha salvado Christina do incendio, e que sabendo do roubo da sua protegida, logo no dia seguinte tratára de a salvar.

Tendo conhecimento com João, um dos comparsas de Nicoláo ; e não sendo este tão perverso como Diogo, não hesitou muito para dar entrada na casa subterranea.

O cavalheiro mandou levar para sua casa Juliano, Jorge e Christina : e mandou Diogo, e Leocadio, presos para bordo de um navio, que partia no dia seguinte para a costa d'Africa ; recommendando muito ao seu commandante, que os conservasse por lá, até que fossem dignos de serem perdoados !

Nicoláo, como era o mais perigoso, mandou-o tambem para a Africa ; porém foi debaixo de muita vigilancia entregue ao governador de uma fortaleza, e com ordem de o não soltar seuão depois que estivesse manso ; e assim mesmo não deixal-o sahir daquelle territorio.

Depois de ter dado um destino conveniente a esses individuos, o desconhecido cuidou só da sua pupila.

Christina ao fim de alguns dias tinha-se restabelecido de seus males. Nessa casa em que se achava encontrou a sua querida Henriqueta. Recebia os carinhos de seu pai. Seu irmão recobrava pouco a pouco o uso da razão, pelps disvelos do doutor ; esse era o estudante que habitava na casa do usurario, e havia pouco tempo que se tinha formado.

Passados os primeiros momentos de alegria que Juliano teve, em abraçar seus filhos ; e julgar-se livre das garras de um tigre, sedento de sangue, vierão horas de tristeza. Elle desejava ver o seu libertador para agradecer-lhe. Sua ausencia atemorizava-o ; e já principiava a reear que o não tivessem assassinado ; quando o cavalheiro desconhecido entrou na salla.

Os seus protegidos rojarão-se logo a seus pés em demonstração de reconhecimento.

— Vós conheceis-me ? perguntou o cavalheiro.

— Sim... responderão os tres em choro : sois o nosso libertador, a quem devemos a nossa vida.

— Não é isso o que vos pergunto. Sabois o meu nome ?

— Não, senhor.

— Chamo-me Antonio Christiano.

— Meu padrinho !... Meu amigo !... Meu bemfeitor ! exclamarão Christina, Juliano e Jorge abraçando o nobre cavalheiro.

Christiano tinha chegado de uma viagem que fizera a varios paizes estrangeiros, onde se demorou quatro annos.

Elle vinha visitar sua afilhada, quando soube que as chammas devoravão a casa onde ella morava, e sabendo que havia gente dentro correu intrepido ; porém vendo que não podia salvar a mãe de Christina, que já encontrou morta, livrou ao menos a filha ; e desta vez foi o libertador de toda a familia.

F. A. F. AMORIM.

FIM.

POESIAS.

O que eu não tenho.

Todos tem cá nesta vida
Mil instantes de ventura,
Todos tem quem lhes adoce
Os momentos de amargura.

Todos tem quem lhes off'reça
De seu jardim uma fiôr,
Quem lhes dedique do peito
Triste suspiro de amor.

Todos, emfim, tem no mundo
Uma esp'rança a lhes sorrir ;
Só eu não tenho uma esp'rança
E vivo a sós a carpir.

Só eu não tenho quem gema,
Quem por mim chore de amor,
Quem me console nas maguas,
Ou quem me embale na dor !

Porém disto a ninguém culpo,
Eu só me queixo de mim ;
Pois não creio nos poetas...
Na poesia isso sim.

D. E. AUGUSTA DE AZEVEDO E MELLO.

Minha patria.

I

Eu desejo, ó patria querida,
Ao teu seio voltar livremente ;
Consagrar-te desejo esta vida
Que se aparta de mim descontente,
É a saudade que vaga perdida
O ten nome lembrando innocente,
Eu desejo o sepulchro lhe dar,
Aonde me anda tão meiga a chamar.

II

Que me importa depois o seguir
O destino fatal de Camões ;
Em albergue tristonho dormir
Apertando meus duros grilhões,
Que me importa o viver a carpir
Entre mesmo crueis corações,
Se vivendo, ó patria, em teu seio,
Posso a vida deixar sem receio ! !

III

Ando errante próscripto sosinho.
E as saudades me causão tormento ;
Soffro muito distante do *Minho*
Dessa terra do meu nascimento ;

D'ella tão longe eu triste definho
Entre a dor deste meu soffrimento,
E só posso feliz me julgar,
Se de novo poder lá voltar.

III

Mas, ó patria, que importa meu mal,
Ai que importa por ti eu soffrer ;
Não és tu minha terra natal
Que podeste esse Caio vencer ? !
Não t'ó nega ninguém, Portugal,
Nem preciso elogios tecer,
Tua gloria passada, e presente
E' inutil lembrar minha mente.

IV

Deos permitta que a ti eu voltando
O meu peito de novo se alente ;
Quando for pelos sitios passando
Onde os brincos passei innocente,
Entre meus irmãosinhos folgando
E gosando delicias na mente ;
Minha patria contigo viver,
Eu desejo, e em teu seio morrer.

Junho de 1856.

M. LEITE MACHADO

Minha amada.

Os teu olhos, minha amada,
São azues, são de encantar ;
O fogo que nelles arde
Fez o meu peito abraçar.

De teus labios um sorriso
Amavel é... mas quem hade
Dizer-me se zombaria
Elle me falla ou bondade ? !

Ninguém m'ó diz... teu retrato
Incompleto ficará ;
Pois que nesta indecisão
Todo o ser, toda a alma está.

Está sim... e eu aqui louco
Teu retrato exarar quiz ;
Quanto porém, nelle falta
Já minha penna o não diz.

M. J. F. L. BASTOS CORTE REAL.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

(Conclusão.)

VII

Apressado se voltando
Radiante d'alegria,
Ouvindo fallar' amante
Que estas palavras dizia :

— « Vinde oh mouro de minh'alma,
« D'Oriente grão sultão !
« Vinde á Lysia desmourar-te,
« De premio tens minha mão.

Ligeiro correu p'r'os jovens,
A seus pés se ajoelhou ;
Alegre curvando a fronte
Estas palavras soltou :

— « Oh ! por ti deixarei tudo,
« Meu imperio, minha fé !
« Por ti deixarei a patria,
« Negarei a Mahomet....

« Sim, por ti, gentil donzella,
« Por ti deixarei meus pais,
« Por ti eu deixo os harens,
« Nunca lá voltarei mais !....

« Só por ti serei de Christo,
« Só por ti christão serei,
« Só por ti darei a vida,
« Só por ti eu morrerei !

— « A ti oh nobre mancebo,
« A ti generoso irmão,
« A ti amisade eterna,
« A ti alta gratidão ! »

Sobre o mar uma galé
Córta as ondas com a prôa,
A' Lysia vai apressada....
Deos a leve em hora boa.

VIII

As candidas vellas
Nos mastros içadas,
Empurrão o casco
De vento pejudas.

Aos ventos as auras
Mil canticos soltão ;
São lusos alegres
Que aos lares seus voltão.

Jazia na prôa
Um mouro assentado,
C' um anjo tão lindo,
Tão lindo a seu lado.

No seu bandolim
O mouro tocava ;
E com voz meiga
Elle assim cantava :

IX

« Patria d'amores,
« Patria querida,
« Nunca do peito
« Meu, esquecida.

« Oh ! Lysia ! oh ! Lysia !
« Escripto tinha
« Deos, que tu fosses
« A patria miuha !....

« Ati eu volto
« Meigo e fluente,
« P'ra amor gosar
« Terno e ridente.

X

Já o mouro
Se calou,
De tocar
Já deixou.

N'horizonte
Se sumio
A galé
Que partio.

XI

Dous jovens
N'ella ião,
D'amores
Morrião.
Um mouro
Pagão,
Foi ser
Christão,
Com linda
Donzella
Tão meiga,
Tão bella,
Foi elle
Contente,
Alegre
Ridente,
Ligeiro
Se unir
Venturas
Fruir.
A' Lysia
Chegarão
Unidos
Ficarão.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

FIM.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.

Rua da Valla n. 141.